



LÍNGUA E SOCIEDADE: ESTUDOS DAS RELAÇÕES ENTRE PERCEPÇÃO E PRODUÇÃO DA FALA E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Eduardo Barbuio ¹

Emanuelle Camila Moraes De Melo Albuquerque ²

Paloma Pereira Borba Pedroza ³

INTRODUÇÃO

O estudo da relação entre língua e orientação sexual tornou-se foco de interesse entre os estudos sociolinguísticos ao longo das últimas duas décadas. Alguns estudiosos da área têm se interessado pela possibilidade de se detectar a orientação sexual de pessoas, por meio de características acústicas presentes na voz de falantes.

A maioria desses estudos tem sido desenvolvida entre falantes homens, e consideram os aspectos de percepção e produção da fala (GAUDIO, 1994; LINVILLE, 1998; PODESVA, ROBERTS e CAMPBELL-KIBLER, 2001; SMYTH, JACOBS e ROGERS, 2003; PIERREHUMBERT et al., 2004; MUNSON et al., 2006; MUNSON, 2007; LEVON, 2006; PODESVA, 2007; ZIMMAN, 2013; TRACY, BAINTE e SANTARIANO, 2015).

Enquanto a principal pergunta a ser respondida nesses trabalhos tem buscado descobrir se os falantes gays e heterossexuais poderiam ter suas orientações sexuais percebidas por ouvintes, por meio da audição de pequenos trechos de suas falas, a maior parte desses pesquisadores visava também compreender quais características acústicas estariam relacionadas com a orientação sexual de homens gays, ao que alguns autores se referem por “fala gay”.

O maior interesse pelas características acústicas das vozes de homens gays pode ser explicado pelo fato de, ao longo dos anos, os estudos da Sociolinguística terem focado as diferenças entre falantes homens e mulheres, divididos pela tradicional orientação de sexo, na perspectiva exclusivamente biológica. As investigações sobre da chamada “fala gay” incluem

¹ Doutor em Linguística pela UFPB, professor da UFRPE eduardobarbuio@hotmail.com

² Doutoranda em Linguística pela UFAL, professora da UFRPE, manu_camila@hotmail.com

³ Doutora em linguística pela UFPE- professora da UFRPE, palomaborba@yahoo.com.br



questões de gênero, identidade e significado social. Essas investigações foram desenvolvidas, principalmente, a partir dos estudos de Eckert (1989, 1997, 2000).

Ainda sobre a “fala gay”, Jacobs (1996) destaca que a opressão sofrida pelos gays, ao longo de muitos anos – quando houve muita discriminação, e ser gay não era algo bem tolerado por muitos na sociedade – fez com que inúmeros homens homossexuais escondessem sua orientação sexual. Para se proteger uns aos outros, muitos gays passaram a se organizar em comunidades de fala mais fechadas, buscando mais liberdade, pois, assim, poderiam se identificar como homossexuais com mais segurança. Nessas comunidades, várias características, anteriormente reprimidas, como certos tipos de vestimentas, comportamentos, vocabulários e pronúncias passaram a ser expostas, e livremente praticadas entre os membros.

No que tange às discussões em torno da linguagem gay, Jacobs (1996, p. 53) afirma que, por conta dessa forte repressão sexual, a chamada “fala gay” acabou se tornando bastante peculiar. Para o referido autor:

“As a result, members of gay and lesbian community have developed their own vocabulary or redefined some existing words or their pronunciation to make it possible and safer to express their unique experiences in society”

Ainda segundo o pesquisador, essa repressão sexual e social teve importante papel para o desenvolvimento das características da “fala gay”, ao longo do tempo. Como resultado, mesmo nos dias atuais, em que a homossexualidade já goza de uma melhor aceitação social, a fala utilizada por muitos homossexuais, quando interagem em comunidades, ainda pode ser considerada como uma linguagem bastante peculiar.

Atualmente há uma crescente preocupação da sociedade em compreender melhor a problemática inerente às questões identitárias, a partir das relações das identidades de sexo/gênero. Há também um crescente consenso, entre estudiosos da área da fonologia laboratorial, psicologia e da sociolinguística, de que os indivíduos evocam expectativas sociais e criam estereótipos por meio do processamento da linguagem.

Desse modo, torna-se relevante catalogar a diversidade das variantes socialmente construídas, que possivelmente afetam o processamento da linguagem. Além disso, alguns estudos também evidenciam que a “fala gay” se constitui como uma fala socialmente aprendida e culturalmente convencionalizada, sendo essencialmente realizada em comunidades de fala.

Diante desse cenário, faremos uma revisão de alguns estudos sobre percepção e produção da fala de homens autodeclarados gays e de homens heterossexuais, verificando certos aspectos e analisando, com mais atenção, as metodologias e técnicas utilizadas juntamente com as principais descobertas apontadas por esses estudos.

METODOLOGIA

A grande maioria dos estudos linguísticos, cuja ênfase recai nas discussões acerca da orientação sexual e sua relação com a percepção e produção oral da fala, tem sido desenvolvida entre falantes inseridos em comunidades de fala, nas quais a língua inglesa era utilizada. Por se tratarem de trabalhos precursores, com relação às metodologias e técnicas, serão esses os utilizados em nossa revisão. Portanto, esse é um trabalho de revisão de literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como mencionado, a maior parte dos estudos linguísticos, cuja ênfase recai nas discussões acerca da orientação sexual e a percepção e produção oral da fala, tem sido desenvolvida entre falantes inseridos em comunidades de fala de língua inglesa.

Esses trabalhos, em sua quase totalidade, têm investigado, entre outros aspectos, a percepção e produção da fala, a partir dos parâmetros de frequência fundamental (F0), (média e variabilidade), vogais (duração, F1 e F2) e a fricativa /s/ (duração e aspectos como frequência e pico espectral). De forma resumida, as investigações buscam compreender se esses aspectos se inter-relacionam, e, em caso positivo, como se associam à questão da orientação sexual dos falantes, comparando-se, em geral, a fala de homens gays e heterossexuais.

Segundo Munson et al (2006), a fala, mesmo separada de suas funções pragmáticas e semânticas, carrega consigo informações que permitem que o ouvinte, por meio de certos aspectos acústicos, possa identificar determinadas características dos falantes. Traços da voz também podem refletir muitas características sociais, e ainda permitir que o ouvinte levante hipóteses sobre os possíveis grupos e comunidades dos quais o indivíduo participa.

Ainda para Munson et al (2006), a fala, além de carregar essas “mensagens” sobre as características sociais das pessoas, pode também oferecer “dicas” a respeito da orientação

sexual dos falantes. Ou seja, para esse autor, essas pistas poderiam auxiliar o ouvinte a reconhecer a fala dos homens heterossexuais e a chamada fala dos gays.

A noção do que pode ser compreendido por “fala gay” tem sido bastante debatida por pesquisadores. Alguns argumentam que a fala dos homens gays se faz peculiar, não apenas por aspectos de produção acústica, mas por também apresentar diferenças lexicais e em nível sociodiscursivo (GAUDIO, 1994; SMYTH, JACOBS e ROGERS, 2003).

Contudo, Kublick (2000) defende não ser viável uma excessiva simplificação dessas discussões, uma vez que não seria possível agrupar algumas peculiaridades encontradas na fala de um determinado número de falantes, e atribuir a essas características o rótulo de “fala gay”. Para esse autor, não seria razoável pressupor que todos os gays do mundo falassem daquela mesma maneira.

“The fact that a homosexual do X, certainly does not make X a homosexual, thus under no circumstances spoken characteristics found in a certain group of speakers should be considered or claimed as a all gay or lesbian language” (KUBLICK, 2000, p.247)

Ainda segundo o referido pesquisador, quando algumas características são encontradas na fala de certos homens gays, estas não devem jamais ser consideradas como características peculiares à “fala gay”, como entendem alguns estudiosos. Assim, dado que existe uma enorme diversidade de fala nas sociedades, como, por exemplo, diversidade regional, variação entre faixas etárias ou classes sociais, não seria diferente entre as comunidades de fala formadas por homens gays. Portanto, quando algumas características linguísticas são encontradas, ao se examinar um dado grupo de falantes ou uma comunidade de fala específica, deve-se considerar que tais peculiaridades são específicas e, portanto, pertinentes à fala dos indivíduos, envolvidos naquela determinada comunidade de fala.

Kublick (2000) ratifica suas ideias, com o argumento de que só será possível afirmar com certeza que existe uma chamada “fala gay”, quando um pesquisador provar que todos os indivíduos homossexuais do mundo fazem uso de certas características em comum em suas falas.

Os estudos mais recentes da sociofonética, relacionados à questão da percepção da orientação sexual de pessoas através da audição de vozes, estão diretamente relacionados a uma pesquisa precursora, realizada por Gaudio (1994). Esse trabalho foi o primeiro a buscar compreender a questão da orientação sexual a partir da percepção de ouvintes. O pesquisador desenvolveu uma metodologia e algumas técnicas, que posteriormente serviram de parâmetro

e orientação para várias pesquisas subsequentes, como os estudos posteriores de Smyth, Jacobs e Rogers (2003); Munson et al. (2006); Munson (2007); Levon (2006); Tracy, Bainter e Santariano (2015).

O objetivo de Gaudio era investigar se a fala de homens gays se assemelhava em alguns aspectos à fala de mulheres. Tal propósito surgiu a partir da especulação, oriunda de algumas discussões, relativas à linguagem e gênero da época. Essas especulações estavam presentes em trabalhos desenvolvidos nas décadas anteriores, (LAKOFF, 1975; MCCONNELL-GINET, 1988). Nessas pesquisas sugere-se que a entonação da voz de homens gays seria mais dinâmica, e mais semelhante à entonação feminina do que a de homens heterossexuais. Por esse motivo, o trabalho de Gaudio teve por foco a análise do *pitch*, pois essa característica da voz representa para os ouvintes o correlato acústico responsável pela percepção da melodia e da altura da fala (KENT e READ, 1992).

Gaudio (1994) examinou a precisão de ouvintes ao identificarem falantes como sendo gays ou heterossexuais e comparou as propriedades de produção do *pitch* das vozes dos informantes. Falantes e ouvintes estavam conscientes dos propósitos do estudo do qual estavam participando e foram informados disso antes da leitura dos textos.

Para a gravação das vozes, quatro homens (autodeclarados gays) e outros quatro, que se afirmaram como heterossexuais, participaram como falantes do trabalho e tiveram suas vozes gravadas em laboratório. Cada um dos oito informantes leu dois pequenos textos distintos, com duração de aproximadamente 15 segundos cada. O primeiro texto era uma notícia de jornal que tratava de finanças. Foi pedido a todos que lessem, como se estivessem diante de uma sala de aula, isto é, que se imaginassem lendo para os alunos. O segundo texto era um pequeno trecho de monólogo de um personagem homossexual, que teria sido lido em uma apresentação teatral.

Com relação aos ouvintes, 13 alunos, de diferentes cursos de graduação e diferentes sexos biológicos, participaram como voluntários da pesquisa. Foi pedido a eles que ouvissem trechos das vozes dos 8 informantes. Essas vozes foram apresentadas aos ouvintes de maneira anônima e aleatória. Cada ouvinte deveria atribuir valores que representassem o grau de orientação sexual de cada falante. Assim, em uma escala de 8 atributos, os ouvintes teriam que rotular os seguintes às vozes ouvidas: heterossexual, reservado, afeminado, afetado, gay, masculino, emotivo e comum. A escala continha valores de 1 a 7, em que (1) significava ser heterossexual, (7) extremamente gay e (4) neutro.

A habilidade dos ouvintes em determinar a orientação sexual dos falantes chegou a quase 100% de acerto, com relação aos dois textos lidos. No entanto, a hipótese de Gaudio de que, após a verificação do *pitch*, os resultados obtidos apresentariam diferenças entre os falantes gays e heterossexuais, não se confirmou. A pesquisa concluiu que a média do *pitch* e sua variabilidade, por si só, não justificam a percepção da orientação sexual de homens gays e de homens heterossexuais. A única diferença, um pouco mais significativa, estava relacionada à variabilidade do *pitch* da voz de homens gays, que foi de quase 10% superior à média dos homens heterossexuais. Entretanto, esse resultado não foi considerado pelo autor como sendo realmente significativa.

A medição da frequência fundamental (F0) - o correlato acústico do *pitch* - é um dos parâmetros mais frequentemente utilizados nos estudos da percepção e produção da fala e suas relações com a orientação sexual. Na maioria das pesquisas, essa característica é analisada, comparando-se a voz de gays e a de heterossexuais, a partir de trechos de textos lidos (GAUDIO 1994; LINVILLE 1998; SMYTH, JACOBS e ROGERS, 2003; TRACY, BAINTE e SANTARIANO, 2015).

Enquanto a média da frequência fundamental (F0) de um homem varia em torno de 100 a 120 Hz, e a de mulheres se apresenta em torno de 200 a 220 Hz, pesquisas interessadas na relação da fala e da orientação sexual, ao analisarem a média de F0 de homens gays e heterossexuais, não encontraram diferenças significativas, se comparadas à média de homens e mulheres. (GAUDIO, 1994; LINVILLE, 1998; SMYTH, JACOBS e ROGERS, 2003; MUNSON et al, 2006; MUNSON, 2007).

Entre essas pesquisas, o único resultado, que as difere dos demais estudos, foi obtido por Munson et al. (2006). Este autor, assim como Gaudio (1994), encontrou uma média de variabilidade de *pitch* um pouco superior (em torno de 7%) ao da média geral dos falantes gays. Essa diferença, contudo, também não foi considerada pelo pesquisador como relevante.

Embora a média geral do *pitch* não tenha sido relevante, um dado verificado por Munson et al. (2006), e que poderia ser considerado peculiar, foi o fato de alguns falantes gays apresentarem médias extremas de F0, depressões mais baixas e picos mais altos que falantes heterossexuais. Ainda assim, o pesquisador considerou que o número de participantes envolvidos em sua pesquisa teria sido muito pequeno, e que essa característica foi observada somente na fala de 3 informantes.

A presença de médias baixas e picos elevados, perceptíveis na fala, é chamada por Kublick (2000) de “*rollercoaster intonation*”, e seria característico de mulheres, cujas vozes são percebidas como mais agudas.

Porém, em um estudo subsequente, realizado pouco tempo depois, com um número maior de informantes, os resultados encontrados em Munson (2007) não confirmaram essa suposta peculiaridade da “fala gay”. A chamada “*rollercoaster intonation*” já havia sido anteriormente estudada por Smyth, Jacobs e Rogers (2003). Todavia, a hipótese de que alguns falantes gays poderiam ter suas falas semelhantes à de mulheres, com vozes consideradas agudas, não se confirmou.

Ainda envolvendo a questão da análise do *pitch*, vale mencionar o estudo de Podesva (2007), que teve por propósito analisar a fala de um médico norte-americano de orientação sexual gay, em três ambientes diferentes. Trata-se de um exemplo de trabalho realizado sob uma perspectiva mais qualitativa, que contou tão somente com um indivíduo, como único participante informante. A variável analisada foi a média do *pitch*, e, partir dela, pretendeu-se verificar a presença e frequência do uso do falsete, (compreendido na pesquisa de Podesva como registros vocais mais agudos que a voz natural do falante), em cada uma das três ocasiões: no trabalho, em um churrasco com seus amigos também gays e numa conversa com o pai. Os resultados mostraram que o falsete foi bastante empregado na conversa com os amigos, porém esteve menos presente nas conversas com pacientes em sua clínica. Tal fato poderia sugerir que uma voz mais aguda, e o conseqüente *pitch* elevado, estaria marcada como uma “fala gay”. Por outro lado, detectou-se uma menor frequência de falsetes em ambientes mais formais.

Com base nas pesquisas mencionadas, pode-se afirmar que a média e a variabilidade da frequência fundamental, por si só, não contribuem para a percepção da orientação sexual de homens gays e heterossexuais. Diferenças de produção realmente significativas, entre homens das duas orientações sexuais, também não foram encontradas.

Apesar desses resultados, consideraremos em nossa pesquisa a medição da média e a variabilidade de F0. Justifica-se nossa opção pelo fato de tais medidas nunca terem sido realizadas antes entre falantes da língua portuguesa, quando o objetivo central era o de verificar a orientação sexual dos falantes.

As características acústicas das vogais também têm sido objeto de estudos frequentes em pesquisas relacionadas à percepção e sexualidade de homens gays e heterossexuais. Entre

os estudos de língua inglesa, os principais aspectos analisados, com relação às vogais, foram as médias dos formantes, F1 e F2 e a duração.

Formantes são concentrações de energia dados por frequência em determinados locais do espectro sonoro. Embora uma infinidade de números de ressonâncias, teoricamente descreva a configuração do trato vocal, F1 e F2 são os formantes determinantes das diferenças dos sons das vogais. Ou seja, a localização da frequência de F1 e F2, produz uma melhor percepção, possibilitando que o ouvinte responda, realizando julgamentos sobre qual vogal ouviu.

O primeiro formante (F1) está relacionado ao grau de abertura de uma vogal, isto é, o abaixamento da mandíbula e o consequente deslocamento da língua no plano vertical, que é tão mais agudo quanto maior for a abertura de boca e o grau de anteriorização da língua. Já o segundo formante (F2), se relaciona ao quanto a faringe está livre ou não, pelo deslocamento da língua ao plano horizontal, sendo tão mais alto quanto maior for o espaço faríngeo (BEHLAU et al., 2004).

Em todas as línguas, mulheres geralmente produzem vogais com uma frequência de formantes mais alta que os homens. Contudo, estudos sobre percepção e produção da fala e relações com orientação sexual não costumam ligar a produção de formantes mais elevadas a homens gays (LINVILLE, 1998; JACOBS et al., 2000; PIERREHUMBERT et al. 2004).

Apesar disso, dois trabalhos bastante relevantes nesse sentido, revelaram que as médias de produção dos formantes F1 e F2 dos homens gays foram consideravelmente mais elevadas que entre os heterossexuais.

Pierrehumbert et al. (2004) investigou um grupo com um grande número de sujeitos participantes (homens e mulheres) que se declararam de diferentes orientações sexuais, num total de 103 informantes. Entre todos, 55 se declaram como sendo exclusivamente gays ou heterossexuais. Cinco vogais foram medidas: /i/, /e/, /æ/, /a/ e /u/. Entre outras variáveis verificadas, as médias de F1 e F2 dessas cinco vogais foram medidas. As médias de F1 e F2 encontradas entre falantes gays foram maiores, não apenas do que a dos falantes heterossexuais, como também teve valor superior à média apresentada por indivíduos de todas as orientações sexuais, presentes no estudo.

Munson et al. (2007) examinou a percepção da fala e a produção de 44 indivíduos de diferentes sexos biológicos e orientações sexuais, sendo homem heterossexual, homem gay, lésbicas, mulher bissexual, homem bissexual e mulher heterossexual. No que diz respeito à

comparação entre a produção de informantes homens exclusivamente gays e homens apenas de orientação heterossexual, o F1 produzido por homens gays das vogais /a/, /æ/, e /ε/ foram de médias significativamente mais altas.

Nos dois trabalhos também foram aplicados testes de percepção de fala, com trechos das vozes dos falantes controlados e gravados em laboratório. Nas aplicações dos dois testes, os ouvintes tiveram mais sucesso com a percepção das vozes de falantes gays do que com a dos demais informantes, de outras orientações sexuais. Portanto, pode-se considerar que as médias encontradas em F1 e F2, na produção das vogais dos falantes gays, possam eventualmente ter relação com a percepção da orientação sexual.

A questão da duração também tem sido vastamente utilizada em análises das vogais, sendo suas medidas sempre apresentadas por meio de milissegundos (ms). No estudo de Smythet al. (2003), os homens gays produziram vogais mais duradouras que os homens heterossexuais. As vogais produzidas por falantes gays também foram verificadas como mais duradouras nas pesquisas de Pierrehumbertet al. (2004) e Munson et al.(2006). Também mais longas foram as vogais observadas entre gays falantes do inglês canadense. (RENDELL, VASEY, e McKENZIE, 2008).

Em um estudo mais recente, desenvolvido por Tracy, Bainter e Santariano, (2015), os gays produziram vogais mais duradouras do que os heterossexuais, quando analisadas as vogais produzidas isoladamente, e também entre as vogais produzidas em meio a outras palavras. O mesmo resultado foi conferido quando envolvia as vogais produzidas em contextos maiores de leitura de textos.

Em todas essas pesquisas, as vogais da língua inglesa produzidas de maneira mais duradoura foram /æ/, /ɑ/, /i/, /i:/, /ʌ/, /oo/, /u:/, /ə/ e /ε/. Entre todos os trabalhos mencionadas, envolvendo análise de vogais, ouvintes tiveram sucesso ao identificar falantes gays, quando realizarem os testes de percepção. Diante disso, pode-se afirmar ser bastante plausível que vogais produzidas de forma mais alongada, estejam relacionadas à percepção que os juízes tiveram, ao ouvirem trechos da fala de homens gays.

De modo geral, nas pesquisas envolvendo análise de produção e testes de percepção e orientação sexual, a duração mais longa das vogais produzidas por falantes da língua inglesa quase sempre é atribuída a falantes gays. Com efeito, a duração das vogais produzidas por homens gays e heterossexuais se apresentam, no mínimo, com durações próximas. A única exceção a essa tendência, que encontramos na literatura, foi verificada no trabalho de Munsol

(2006), em que as médias de um grupo formado apenas por homens heterossexuais apresentaram algumas vogais com duração um pouco mais longas que o grupo composto por informantes gays.

Um último trabalho, de perspectiva mais qualitativa, desenvolvido com apenas um único informante, foi a pesquisa de Podesva (2001), em que se observou a produção sonora de algumas vogais de um falante do estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Foi averiguada a possível conexão entre as características sonoras da produção de vogais e como isso poderia identificar o informante com o estereótipo de um homem gay californiano. Podesva observou que o indivíduo examinado, nos momentos em que conversava descontraidamente com outros amigos gays, fazia uso de certas características prosódicas. Dentre elas, o informante revelou o aumento de F0, sons mais longos e uso de falsete, ao produzir determinadas vogais. Essas características eram tidas, na cultura popular de sua região, como típicas da fala de homossexuais. Esse comportamento se deu com maior frequência, quando o informante interagiu com amigos, do que nas ocasiões em que dialogava com estranhos ou em outras situações de formalidade.

Para Podesva, esse fato seria indicador de uma estratégia de estilo em que o indivíduo faria uso de determinadas peculiaridades de vogais comuns à fala de gays, tidas como estereotipadas em sua região geográfica, para apresentar uma fala que o identificasse como gay, quando interagisse com seu grupo de amigos também gays. Em situações outras, nas quais se exigisse mais formalidade, o mesmo indivíduo não faria uso de características desse estilo, dado que estaria em ambientes onde sua orientação sexual não fosse necessária ou desejada.

Ainda segundo Podesva, em certas ocasiões, o falante pode optar por determinadas características regionalizadas da fala para indexar identidades, incluindo sua identidade sexual. E sugere que, assim como há um número vasto de variantes da fala regionalizada, o mesmo pode ocorrer com a fala de gays.

Não encontramos pesquisas realizadas entre falantes de língua portuguesa, que busquem verificar as médias dos primeiros dois formantes das vogais e tampouco a duração, ou que as relacione a aspectos da produção e percepção e orientação gay ou heterossexual de homens.

Diante disso, em nossa pesquisa, verificaremos F1, F2 e a duração das sete vogais orais tônicas do português falado no Brasil, sendo /a/ (par), /ɛ/ (mel), /e/ (você), /i/ (giz), /ɔ/, (sol), /o/ (pôs) e /u/ (luz).

Resumidamente, pretendemos verificar F1, F2 e a duração das vogais, pois nos trabalhos desenvolvidos entre homens gays e heterossexuais (falantes de língua inglesa), essas são as peculiaridades que parecem estar relacionadas à percepção da orientação sexual dos falantes. Partimos do pressuposto que também possa haver alguma relação entre produção e percepção desses aspectos de produção entre falantes da língua portuguesa.

Outro som que tem sido bastante analisado em pesquisas envolvendo questão de sexualidade e marcador de gênero é a fricativa /s/. Esse aspecto tem apresentado características acústicas consistentes e significantes nas correlações entre percepção e orientação sexual, e os resultados encontrados não se distanciaram muito entre si. Os principais aspectos observados, quanto à fricativa /s/, têm sido mais comumente relacionados à frequência de energia na produção do pico acústico e sua duração.

A principal diferença documentada a respeito do /s/ na fala de homens e mulheres reside no fato de que as mulheres produzem o /s/ com concentrações de energia em frequências maiores do que a dos homens (HEFFERNAM, 2004). Tal peculiaridade também foi observada por Flipsenet al. (1999), ao analisar as características do /s/ na voz de indivíduos homens e mulheres no período da adolescência. Segundo esse estudo, as primeiras diferenças da produção do /s/ surgem ainda na infância, sendo produzidos de maneira diferentes entre jovens meninos e meninas. Portanto, para Flipsen e al. (1999) muitas das características da voz de pessoas de diferentes gêneros são socialmente aprendidas, sendo a produção da fricativa /s/ um forte marcador identitário de características de gênero.

Buscando compreender melhor se diferenças da produção do /s/ encontradas na fala de homens e mulheres acontecem por razões de características biológicas ou refletem fatores sociofonéticos, Fuchs e Toda (2010) desenvolveram um estudo em que o trato vocal de homens e mulheres foi anatomicamente examinado. Os pesquisadores concluíram que tais diferenças de produção oral advinham de hábitos articulatórios aprendidos desde cedo nas interações sociais. Características anatômicas relevantes que provocassem diferenças de produção vocal não foram encontradas. Essa descoberta também sugere que a fricativa /s/ seria um som de forte marcação estilística.

Com relação à análise da voz de falantes homens, a pesquisa desenvolvida por Avery e Liz (1996) estudou diferenças acústicas da fala de homens, identificados como indivíduos com vozes mais ou menos masculinas. No referido trabalho, a orientação sexual não era o foco principal. Ainda assim, foram encontradas diferenças significativas entre as medidas espectrais

da produção da fricativa /s/ entre os homens com os dois tipos de vozes, sendo que os que tinham a fala considerada menos masculina apresentaram picos de energia de frequência maiores.

Resultados semelhantes foram encontrados por Munson et al. (2006), em um trabalho no qual, entre outros aspectos, observou-se a produção da fricativa /s/ entre homens de orientação sexual gay e heterossexual. Nesses casos, detectaram-se produções de picos com maior concentração de energia entre falantes gays.

Embora a noção das características do que seja uma concentração de alta energia possa ser mensurada de diferentes maneiras, os pesquisadores em cujos estudos analisa-se o /s/ produzidos por homens gays e heterossexuais, geralmente observam a frequência média da produção desse som fricativo, ao que muitos se referem como *centerofgravity*, e principalmente por meio de medidas dos valores do pico espectral. Diferenças de produção acústica, encontradas no centro de gravidade e, sobretudo, do pico espectral das produções de /s/ de falas de homens gays e heterossexuais, e tal relação com a orientação sexual, foram encontradas nos estudos de Munson (2006 e 2007) e Campbell-Kibler (2011). Ambos os estudos foram desenvolvidos com sons fricativos /s/, extraídos de trechos de fala gravados a partir de textos lidos.

Outro aspecto bastante observado por pesquisadores, ao analisarem a fricativa /s/, e que apresenta a peculiaridade acústica mais significativa para diferenciar a fala de homens gays da produção oral dos homens heterossexuais é questão da duração.

Um dos primeiros estudos a verificar essa diferença foi o trabalho desenvolvido por Crist (1997), que ao medir a duração de /s/ na fala de três homens gays, pôde atestar que a duração das produções de dois deles era significativamente maior do que a dos outros homens heterossexuais, participantes da pesquisa. No ano seguinte, Linville (1998) gravou textos lidos por cinco homens autodeclarados gays e quatro heterossexuais. Ao ouvirem trechos das gravações em um teste de percepção, mais de 80% dos ouvintes leigos acertaram a orientação sexual dos falantes. Nesse trabalho, foi observada maior duração do /s/ produzidos pelos gays. Entre outros aspectos, o autor acredita que a eficiência dos ouvintes para descobrirem a orientação sexual dos falantes, possivelmente estaria relacionada à duração do /s/, pois, entre outros aspectos observados, esse foi o que apresentou maior diferença.

Na década seguinte, o trabalho de Smyth, Jacobs e Rogers (2003) revelou um estudo mais amplo e com um número maior de participantes. A mesma peculiaridade foi encontrada;

a média da duração de /s/ dos homens gays foi consideravelmente mais longa do que a dos informantes heterossexuais.

Outros dois estudos que também observaram tal peculiaridade da fala dos homens gays, foram desenvolvidos por Levon (2006) e Zimman (2013). Todas as pesquisas mencionadas que buscaram analisar as possíveis diferenças de produção do /s/, entre homens de orientação sexual gay e homens heterossexuais, foram desenvolvidas a partir de trechos de leitura ou palavras gravadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descobertas bastante interessantes, a respeito das peculiaridades da linguagem utilizada por pessoas de diferentes orientações sexuais, têm sido realizadas por pesquisas linguísticas nos últimos anos (LEVON, 2006; PODESVA, 2007; MUNSON, 2007; CAMPBELL-KIBLER, 2011; ZIMMAN, 2013; TRACY, BAINTE e SANTARIANO, 2015).

A grande maioria desses estudos foi realizada, principalmente entre sujeitos falantes de língua inglesa, e muito pouco tem sido estudado entre falantes de outros idiomas. No Brasil, isso não é diferente, uma vez que ainda existe um número também muito pequeno de trabalhos relacionados tanto à questão da linguagem, como aos aspectos envolvendo a sexualidade. Com efeito, não foi encontrado nenhum estudo, focando na percepção de orientação sexual, que estivesse relacionado com as características fonéticas dos indivíduos.

É fato, portanto, que a variação linguística é algo inerente à linguagem humana e decorre dos mais variados fatores intervenientes na forma linguística escolhida. A produção de certas variáveis evidencia muito as variáveis sociais do falante. A língua falada carrega consigo fortes características identificadoras de membros de um grupo social ou de uma comunidade de fala.

Segundo Munson (2006), a fala, mesmo separada de suas funções pragmáticas e semânticas, carrega consigo informações que permitem que o ouvinte, por meio de certos aspectos acústicos, possa identificar determinadas características dos falantes. Traços da voz também podem refletir muitas características sociais e podem permitir que o ouvinte realize algumas especulações sobre quais os possíveis grupos e comunidades de fala dos quais o indivíduo participa. Isso porque a seleção de um ou outro variante linguístico, por parte do falante, leva à construção de uma identidade que tem por objetivo apresentar posições assumidas pelo sujeito nas comunidades em que participam.

Consideramos, também, que trabalhos futuros possam ser realizados com de testes de percepção de sexualidade, por meio de trechos de fala, desenvolvidos a partir de certos sons específicos, produzidos por falantes (homens gays e heterossexuais), com o intuito de compreender melhor quais sons se mostram mais eficientes numa tarefa de percepção.

Nossa apresentação do estado da arte sinaliza para a possibilidade de que pesquisas futuras venham a dedicar mais atenção para as investigações que foquem sobre alguns sons específicos, produzidos por informantes gays e heterossexuais, tanto no aspecto da produção quanto no da percepção. Esse parece ser, efetivamente, um campo promissor, para os estudiosos da área, na constante busca por uma melhor compreensão acerca da relação entre a fala e a percepção da orientação sexual de pessoas.

REFERÊNCIAS

- EVERY, Jack D.;Liss, Julie M. (1996). **Acoustic characteristics of less-masculine-sounding male speech.** *Journal of the Acoustical Society of America* 99, 3738-3748.
- BRAID, Antônio Cesar Morant. **Fonética Forense: tratado de perícias criminalísticas.** Campinas: Millenium, 2003.
- BEHLAU, M. et al. Avaliação de voz. *In: Behlau M. Voz – o livro do especialista.*Rio de Janeiro: Revinter; 2004,p. 156-60.
- CAMPBELL-KIBLER, Kathyryn.**Intersecting variables and percieved sexual orientation in men.***American Speech.*86(1): 52-68, 2011.
- CRIST, S. **Duration of onset consonants in gay male stereotyped speech.** U. Penn WorkingPapers in Linguistics, Volume 4. 3. 1997.
- ECKERT, Penelope. **The Whole Woman: Sex and gender differences in variation.** *Language Variation and change* 1, 245-268, 1989.
- ECKERT, Penelope. **Age as a sociolinguistic variable.** *In: COULMAS, Florian. The handbook of sociolinguistics.* Oxford: Blackwell, 1997, p. 151-16.
- ECKERT, Penelope. *Linguistic Variation as Social Practice.*Blackwell Publishers, 2000.
- FLIPSEN, Peter. et al.**Acoustic Characteristics of /s/ in adolescents.** *Journal of Speech, Language, and Hearing Research* 42:663-677, 1999.

FUCHS, Susanne & TODA, Martine. **Do differences in male versus female /s/ reflect biological or sociophonetic factors?** In *Na interdisciplinary Guide to Turbulent Sounds*, Susanne Fuchs, Martine Toda & Marzena Zygis (eds), 281-302. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010.

GAUDIO, R. P. **Sounding gay: Pitch properties in the speech of gay and straight men.** *American Speech*, 69(1), 30–57, 1994.

HEFFERNAN, K. “**Evidence from HNR that /s/ is a social marker of gender.**” *Toronto Working Papers in Linguistics* 23.2: pp. 71-84, 2004.

JACOBS, Greg. **Lesbian and Gay Male Language Use: A Critical Review of the Literature.** *American Speech* 71:49-71, 1996.

KENT, Ray D. & READ, Charles. **The Acoustic Analysis of Speech.** San Diego: Singular Publishing Group, 1992.

KUBLIC, D. 2000. “**Gay and Lesbian Language.**” *Annual Review of Anthropology* 29: 243-285.

Lakoff, R. (1975). **Language and woman's place.** New York: Harper Colophon Books.

LINVILLE, S.E. **Acoustic correlates of perceived versus actual sexual orientation in men's speech.** *Folia Phoniatricae et Logopaedica*, 50, 25-48, 1998.

LEVON, E. **Hearing gay: Prosody, interpretation and the affective judgments of men's speech,** *American Speech* 81 (1): 56-78, 2006.

McConnell-Ginet, Sally (1988). **Language and gender.** In Frederick J. Newmeyer (ed.), *Linguistics: The Cambridge Survey*, IV:75–99. Cambridge & New York: Cambridge University Press.

MUNSON, B. et al. **The influence of perceived sexual orientation on fricative perception.** *Journal of the Acoustic Society of America*. 119, 2427 – 2437, 2006.

MUNSON, Benjamin et al. **The acoustic and perceptual bases of judgments of women and men's sexual orientation from read speech.** *Journal of Phonetics* 34(2): 202-240, 2006.

MUNSON, Benjamin. “**The acoustic correlates of perceived masculinity, perceived femininity, and perceived sexual orientations**” *Language and Speech* 50(1): 125-142, 2007.

PIERREHUMBERT, Janet B, et al. “**The influence of sexual orientation on vowel production.**” *Journal of the Acoustical Society of America* 116(4): 1905-1018, 2004.

PODESVA, Robert J., et al. **The California vowel Shift and gay identity.** *American Speech* 86(1): 32-68, 2001.

PODESVA, Robert J. **Phonation type as a stylistic variable: the use of falsetto in constructing a persona.** *Journal of Sociolinguistics*, Hoboken, vol. 11(4), 478–504, 2007.

Rendall D, Vasey PL, McKenzie J. **The Queen’s English: An alternative, biosocial hypothesis for the distinctive features of “gay speech”** *Archives of Sexual Behavior*. 2008;37:188–204.

SMYTH, R., JACOBS, G. and Rogers, H. **Male voices and perceived sexual orientation: an experiment and theoretical approach.** *Language in Society* 32, pp. 329 – 350. Cambridge University Press. 2003.

TRACY, Erick C., BAINTEK, Sierra A., SANTARIANO, Nicholas P. **“Judgments of self-identified gay and heterosexual male speakers: Which phonemes are most salient in determining sexual orientation?”** *Journal of Phonetics* 52 (2015): 13-25.

ZIMMAN, Lal. **Hegemonic masculinity and the variability of gay-sounding speech. The Perceived Sexuality of Transgender Men.** *Journal of Language and Sexuality* John Benjamins Publishing Company, 2013.